

RACI
SMO
O

E

CIDAD
ANIA

6.5.2017 / 3.9.2017

PADRAC
DOS
DESCOBRIM
ENTOS

A exposição sugere uma reflexão, com base em imagens, sobre a tensão entre racismo e cidadania que caracterizou a expansão portuguesa no mundo do século XV ao século XX.

A estrutura, em duas partes e seis secções, começa com os preconceitos contra judeus e muçulmanos, projetados sobre cristãos novos e mouriscos, submetidos a discriminação por meio dos estatutos de limpeza de sangue, a que se segue a inferiorização de africanos e asiáticos. A ambiguidade entre discriminação coletiva e promoção individual é visível desde o início, tendo o seu paralelo na demonização de africanos em esculturas religiosas, confrontada com a existência de santos negros. A teoria das raças completa esta primeira parte.

A segunda parte concentra-se na colonização moderna - da escravatura ao trabalho forçado e, finalmente, ao trabalho livre -, responsável pela perpetuação de preconceitos antiafricanos visível através da fotografia, da banda desenhada, dos anúncios publicitários e da cerâmica. A última secção valoriza a difusão da noção de cidadania depois da Revolução de Abril e da independência das colónias. A instituição da norma antirracista é sublinhada, enquanto o trabalho de artistas portugueses e africanos mostra a extraordinária criatividade do período pós-colonial, em que a memória é utilizada na busca de identidade e de um futuro sem preconceitos.

A

os sentimentos contra judeus e mouros presentes no Portugal medieval, projetados sobre essas comunidades forçadas à conversão

B

a representação de populações de origem africana escravizadas, trazidas para Portugal e para o Brasil mas também para a Ásia

Esta exposição organiza-se sobre duas realidades interligadas, o racismo, entendido como preconceito em relação a descendência étnica combinado com ação discriminatória, e a cidadania, entendida como direito de residência, de trabalho e de participação política num determinado país, envolvendo igualmente deveres e responsabilidades. A tensão entre exclusão e integração está no centro desta exposição. O que propomos aqui é uma reflexão, com base em objetos – pinturas, esculturas, gravuras, grilhetas, manilhas, cerâmicas, cartazes, fotografias e vídeos –, sobre realidades históricas e desenvolvimentos recentes. Trata-se de imagens mostradas na sua crueza, mas também na subtileza de contradições em que o avesso das aparências se inscreve.

A exposição está estruturada em duas partes, moderna e contemporânea, e seis secções:

E

as realidades contraditórias do século XX, em Portugal e nas colónias de África

C

a representação dos nativos do Novo Mundo e da Ásia, que conduz a uma primeira visão europeia da hierarquia dos povos do mundo

F

a dinâmica de recomposição de fraturas no período contemporâneo e pós-colonial

D

o mundo colonial português, onde o trabalho escravo é substituído por trabalho forçado e finalmente por trabalho livre

Duas pinturas servem de ponto de partida. A representação da *Flagelação de Cristo* (1514-1517; Quentin Metsys, 1466-1530) por judeus com características físicas estereotipadas lembra o preconceito medieval contra os judeus, testemunhas da mensagem de Deus sobre a vinda do Messias, mas responsáveis pela execução de Jesus, cuja divindade se recusaram a reconhecer. Submetida a um estatuto de servidão, mas protegida pelo rei, a comunidade judaica é sujeita à conversão forçada, em 1497, o que desencadeia as tensões competitivas de uma integração bem-sucedida: os judeus convertidos ascendem às dignidades civis e religiosas da sociedade cristã, tal como ocorrera ao longo do século XV em Espanha. Pela primeira vez na história da cristandade, verifica-se a discriminação em massa de populações convertidas, contradizendo a mensagem universalista de Paulo de Tarso (c. 5-67).

Os judeus convertidos são apodados de *cristãos novos* e discriminados por sangue manchado; serão massacrados no motim de Lisboa de 1506, e excluídos de ordens religiosas, confrarias, misericórdias, colégios e concelhos municipais pelos estatutos de limpeza de sangue. A difusão dos estatutos foi mais tardia e menos abrangente que em Espanha, enquanto a sua abolição, em 1773, por Pombal, precedeu a espanhola em cerca de um século. Os cristãos novos constituíram o principal alvo da perseguição inquisitorial, que os acusava de judaísmo; mais de vinte mil foram processados. Contudo, a imagem do judeu testemunha da vinda do Messias subsistiu, enquanto alguns cristãos novos tiveram o sangue limpo pelo rei, acederam a ordens militares e conseguiram inserir-se na nobreza portuguesa.



Quentin Metsys (1466-1530)
Flagelação de Cristo (1514-1517)
 Óleo sobre madeira, 191 x 92 cm
 Museu Nacional "Manchado de Castro"
 Nº Inv. 2518
 © José Pessoa, (DGPC/ADF)

Atribuído a Júlio Dinis do Carvo (?-1617)
Santiago Mata-Mouros (c. 1590)
 Pintura sobre madeira, 169 x 165 cm
 Museu de Arte Sacra do Museu de Mértola
 Câmara Municipal de Mértola



Santiago Mata-Mouros (c. 1590; Júlio Dinis do Carvo, ?-1617) é a segunda pintura que abre a exposição, mostrando o tópico da reconquista cristã da Península Ibérica que foi projetado para a expansão portuguesa em África e na Ásia, onde os muçulmanos foram considerados como o inimigo principal nos séculos XV a XVII. Os muçulmanos foram expulsos em 1497, ao contrário dos judeus, mas muitos foram igualmente forçados à conversão, sobretudo os escravizados no Norte de África.

Os convertidos foram apelidados de *mouriscos*, sendo alvo dos mesmos preconceitos de gerações anteriores. Os estatutos de limpeza de sangue excluíram descendentes de judeus e muçulmanos de dignidades civis e eclesiásticas, irmanando-os na discriminação. O interesse pelos muçulmanos, contudo, não declinou; constantes anedotas revelam a presença quotidiana de mouriscos. Apesar do preconceito, os portugueses estabeleceram alianças com poderes muçulmanos em África e na Ásia, alguns nobres convertidos mantiveram o respetivo estatuto, e o século XX testemunhou inesperadas ligações.

A representação de africanos é inicialmente definida por escravidão e antropofagia. O trabalho nas plantações brasileiras é objeto de diversas representações, bem como o tópico do negro na natureza, representado com bandeja de fruta. É de realçar aqui a importância dos objetos, sobretudo as grilhetas de mãos e pés e as manilhas de pagamento utilizadas para o comércio em África. Os escravos como acessórios de corte estão aqui bem representados no retrato do infante D. Afonso (c. 1643; Avelar Rebelo, 1600-1657) e no retrato de Ciríaco (1787; Joaquim Leonardo da Rocha, 1756-1825). Encontram-se referências a antropofagia, a sacrifícios humanos e a juramento do fogo em gravuras e desenhos.



José de Avelar Rebelo (c. 1600-1657)
Infante D. Afonso e um pajem negro (c. 1653)
Óleo sobre tela, 128 x 174 cm
Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo
Nº inv. ME 1540



Grilheta de Ferro
Museu Nacional de Arqueologia
Nº ETNO 2017.1.1
© Luís Pavão

O Demónio figurado como negro é um tópico corrente de pinturas e esculturas, como se vê no caso de *São Bartolomeu* (escultura do século XVII). A punição de escravos começa a ser representada no início do século XIX por artistas estrangeiros tocados pelo movimento abolicionista, como Debret (1768-1848), enquanto a denúncia das condições infra-humanas de transporte de escravos, veiculada pela planta do navio *Brookes*, praticamente não tem eco em Portugal.

Autor desconhecido
São Bartolomeu (século XVII)
Madeira pintada e dourada, 102 x 35 cm
Igreja Matriz de Idanha-a-Nova





Vasco Fernandes (1475-1542) e
Francisco Henriques (?-1518)
Adoração dos Reis Magos (1501-1506)
Óleo sobre madeira, 132 x 81 x 2,5 cm
Museu Nacional Grão Vasco
Nº inv. 2145
© José Pessoa, (DGPC/ADF)

O sacrifício humano na Índia faz parte das imagens portuguesas de nativos asiáticos, adaptadas e integradas no *Itinerario* (1596) de Linschoten (1563-1611), que foi secretário do arcebispo de Goa. Em todo o caso, o respeito pela sabedoria da Ásia, sobretudo no caso da China e do Japão, emerge em muitas outras representações. O canibalismo na América, projetado pelas cartas de Colombo (1451-1506) e Vespucci (1454-1512), com imagens associadas, constitui um dos estereótipos deste continente, reproduzido em diversas publicações e na pintura de Eckhout (1610-1666) sobre a mulher Tapuia (c. 1641).

A inocência dos nativos americanos inscrita na Carta de Pero Vaz de Caminha (1450-1500), descrição da primeira viagem ao Brasil, foi prolongada pela representação de um dos Reis Magos como índio (1501-1506) por Vasco Fernandes (1475-1542), mas é contrastada pela representação do Demónio na pintura anónima portuguesa sobre o *Inferno* (c. 1510-1520). Simultaneamente inocente e demoníaco, o nativo americano é visto como aberto à conversão mas permanente relapso em crenças tradicionais.

A teoria das raças começa a esboçar-se no século XVI com a página de título do *Atlas* (1570) de Abraham Ortelius (1527-1598), em que a personificação dos continentes é feita em torno de figuras femininas que assumem alguns dos estereótipos já visualizados: a Europa investida dos símbolos do poder, da religião, da fertilidade e das artes liberais; a Ásia sensual, definida pela ligeireza de caráter, mas também pela espiritualidade (o incenso); a África rude, seminua, rodeada pelo Sol, que tudo abrasa; a América nua e canibal, com os símbolos da guerra nativa e uma cabeça humana sacrificada. Esta matriz viria a ter influência em muitas centenas de imagens europeias sobre a hierarquia das raças até ao final do século XIX. É sobre esta matriz que a teoria das raças dos séculos XVIII e XIX se desenvolve, complicando as divisões por continentes e procurando bases científicas para a hierarquia anteriormente estabelecida.



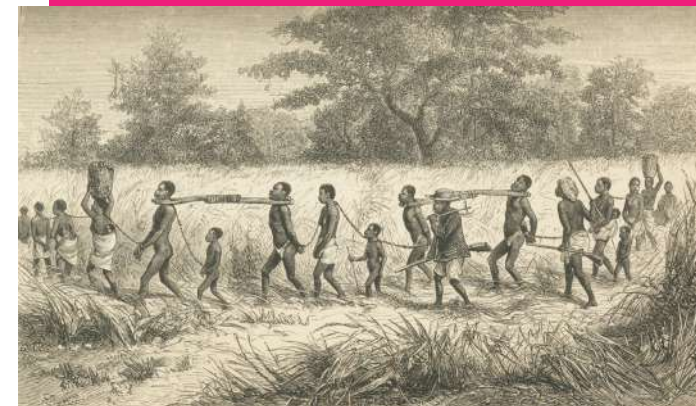
Abraham Ortelius (1527-1598)
Theatrum orbis terrarum
Antuérpia, 1579
Frontispício, 42,5x27,2cm
Museu Nacional de Arte Antiga
Inv. LBS Res2047
© Luís Pavão



Autor desconhecido
Santa Ifigênia (século XVIII)
Escultura em madeira dourada, 112 x 61 cm
Convento de Santa Clara, Porto
Nº inv. 161.22.30

Esta primeira parte é completada com a ambiguidade nas representações de africanos, pois verificam-se casos de promoção social com acesso aos hábitos de ordens militares (*Chafariz d'el Rei*, c. 1560-1580), as anedotas revelam a capacidade de resposta de africanos aos preconceitos de que são alvo, e as esculturas mostram a existência de santos negros (caso de *Santa Ifigênia*, do século XVIII, de pele negra mas traços físicos europeus), que envolvem a população de origem africana convertida. A ambiguidade está presente no processo de conversão forçada, que pretende desenraizar os africanos das suas crenças originais, mas ao mesmo tempo torna-os vassallos do rei e integra-os em confrarias, que os representam e ajudam em processos individuais de emancipação.

Gravura de uma caravana de escravos
in David Livingstone, *Narrative of an Expedition
to the Zambezi* (Londres, 1865)
Biblioteca Nacional de Portugal



Quebra de cacau (c. 1910)
São Tomé
Coleção João Loureiro

A segunda parte da exposição inicia-se com imagens de tráfico de escravos e escravatura que se prolongam pelo século XIX. Estas realidades definem o estatuto do indígena nas colónias, sendo a escravatura substituída por trabalho forçado e, finalmente, por trabalho livre, introduzido paulatinamente em função de economias de escala viradas para o mercado internacional, embora a produção de cacau em São Tomé seja objeto de enorme debate acerca do verdadeiro estatuto dos trabalhadores levados de Angola. Os mecanismos de imposição de trabalho, nomeadamente o imposto de palhota que força a monetarização da economia, fazem parte da estratégia de integração de África na divisão internacional do trabalho por parte dos impérios europeus. A rutura com o quadro de trabalho tradicional é visível nas fotografias das primeiras décadas do século XX.



Raul de Caldevilla
 Cartaz publicitário do sabonete Arêgos (c. 1910-1916)
 106 x 75 cm
 Biblioteca Nacional de Portugal
 CT.129 G. PL

Tabaqueira em forma de cabeça de negra (séculos XVIII-XIX)
 Faiança de Viana do Castelo, 21,3 x 13 x 18 cm
 Museu Nacional de Machado de Castro
 Nº inv. 9435, C-892



O envolvimento de africanos em trabalho intensivo virado para o mercado internacional contrasta com a sua representação irrisória na metrópole. A tradição de tabaqueiras em forma de cabeças de negros é complementada por cerâmicas que aviltam o rei de Gaza Gungunhama (1895; Rafael Bordalo Pinheiro, 1846-1905), derrotado, preso e exilado pela tropa colonial no decurso das guerras de ocupação dos territórios africanos. Os tópicos tradicionais do racismo europeu – «não é possível branquear a pele negra», ou «o trabalho é feito para os negros» – fazem parte dos anúncios de produtos e dos logótipos de lojas. A inferiorização racial dos africanos mantém-se até à década de 1950, com alusões constantes a antropofagia em capas de livros e na banda desenhada. A erotização das nativas (*Inês, cabrocha brasileira* (1938), *Eduardo Malta* (1900-1967) - *Museu José Malhoa*), numa sociedade metropolitana de moral supostamente austera, surge na mesma linha de preconceitos.



Operários municipais (c. 1906)
Ilha de Moçambique - Moçambique
Coleção João Loureiro



Desembarque de copra (c. 1905)
Quelimane - Moçambique
Coleção João Loureiro

As exposições coloniais dos anos de 1930 e 1940, no Porto e em Lisboa, seguiram os modelos da segunda metade do século XIX ensaiados pela Inglaterra, pela França, pela Bélgica e pelos Países Baixos. O estabelecimento de zoológicos humanos com comunidades deslocadas das colónias e expostas no seu «habitat natural» significava a recriação de aldeias e paisagens, nomeadamente lagoas, onde os nativos desenvolviam as suas atividades de remo ou artesanato. As fotografias da exposição colonial do Porto revelam uma cenografia densa, replicada em parte pela Exposição do Mundo Português de 1940. Companhias militares de nativos foram igualmente mobilizadas, de maneira a encenar a participação das populações coloniais na sua própria defesa.



Ilha da Guiné, Aldeia de Bijagós,
Exposição Colonial no Palácio de Cristal - Porto
Fundo de Fotografia Alvão
Imagem cedida pelo Centro Português de Fotografia
PT/CPF/ALV/013072

Benguella. Escola-régia - A primeira
Communhão em 1908.



A assimilação das populações africanas aos valores, à educação e aos padrões de comportamento europeus constituiu um dos pretextos da partilha de África pelos poderes do Velho Continente na Conferência de Berlim de 1884-1885. A ideia de missão civilizadora, contudo, é confrontada com o censo português de 1950, no qual a totalidade da população nativa de Cabo Verde, Macau e enclaves na Índia é considerada civilizada, proporção que desce para 69% no caso de São Tomé e Príncipe, para chegar a valores insignificantes no que respeita à Guiné e a Angola (1% da população), e a Moçambique (0,1% da população). O reduzidíssimo acesso à cidadania da população nativa melhorou nos anos 60, durante a Guerra Colonial. As imagens de assimilados mostram a sua posição ambígua, simultaneamente inferiorizados pelos colonos e desenraizados dos costumes africanos, mas tendo acesso a uma certa diversidade de profissões. A sua importância no processo de independência e na transição pós-colonial não tem sido suficientemente avaliada.

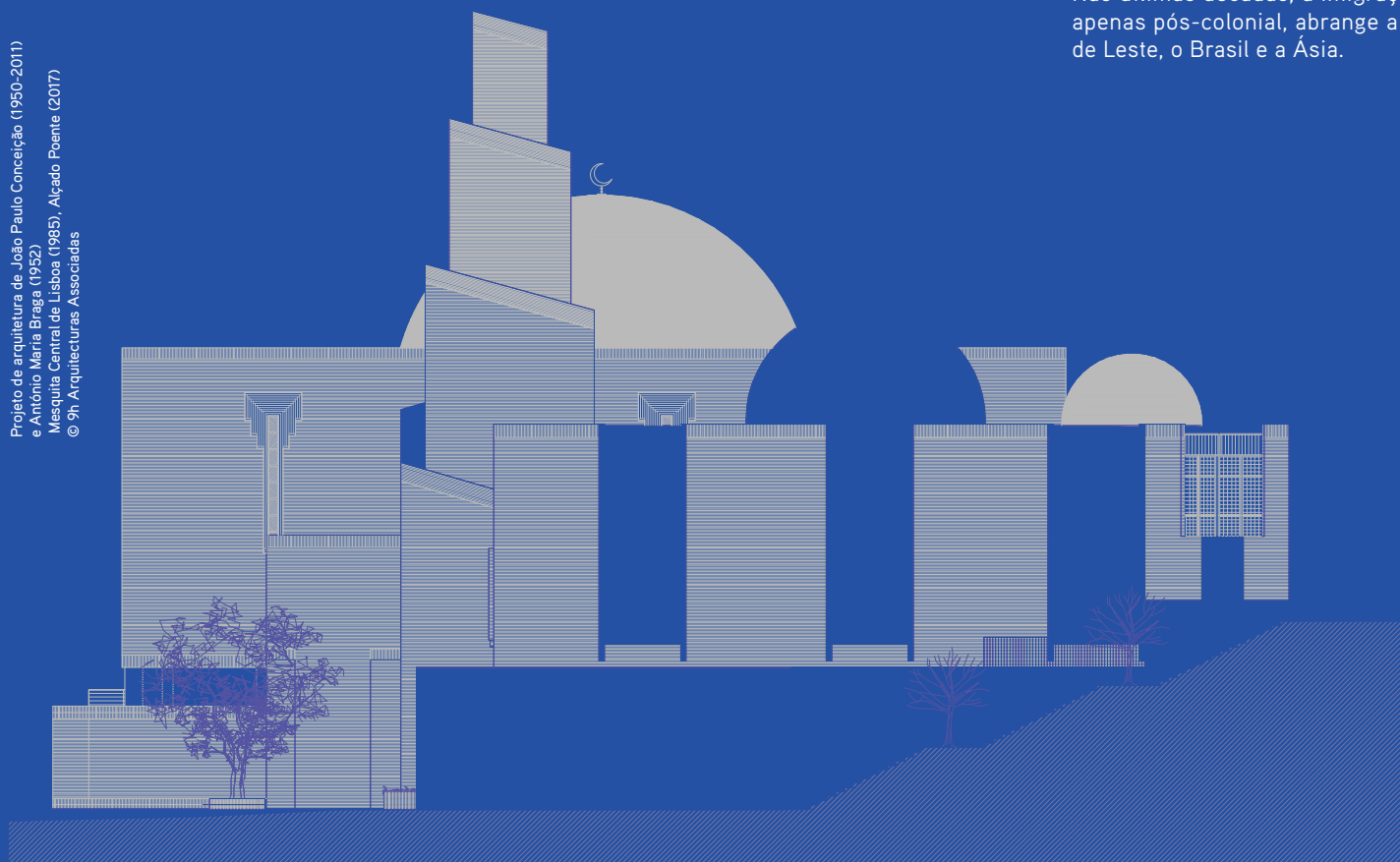
Escola-régia. A primeira comunhão (1908)
Benguella - Angola
Coleção João Loureiro

A monarquia constitucional (1834-1910) já tinha aberto o caminho à liberdade religiosa com a autorização do regresso de comunidades judaicas e a construção da primeira sinagoga, desde a Idade Média, em Lisboa em 1904, liberdade reforçada pela Primeira República (1910-1926). Mas é com o estabelecimento da democracia em Portugal em 1974 e com a independência das colónias em 1975 que se inicia uma nova era na difusão dos direitos humanos e no acesso à cidadania.

As comunidades islâmicas encetam um processo de imigração, assinalado pela mesquita construída em Lisboa, em 1985. A imigração de populações dos novos países independentes, sobretudo de Cabo Verde, levanta problemas de cidadania, dado o carácter restritivo da Lei da Nacionalidade (Lei n.º 37/81, de 3 de outubro), baseada no direito de sangue, não no direito de solo. Nas últimas décadas, a imigração não é apenas pós-colonial, abrange a Europa de Leste, o Brasil e a Ásia.

O racismo deixou de ser apoiado ou ignorado pelo Estado, que tornou ilegal a prática de atos de discriminação e segregação baseados em preconceito de descendência étnica. A Lei n.º 134/99, de 28 de agosto, é o pilar desse esforço legislativo. O racismo informal persiste, como noutros países, mas não tem suporte estatal, o que constitui uma enorme diferença. As associações antirracistas têm base legal, e a sua atividade é reconhecida pelo Estado. Por outro lado, o processo político tem vindo a integrar membros de minorias étnicas. Existe ainda um longo caminho a percorrer, mas o facto de Portugal contar neste momento com um primeiro-ministro de origem goesa e com uma ministra da Justiça nascida em Angola é representativo desse processo de integração.

Projeto de arquitetura de João Paulo Conceição (1950-2011)
e António Maria Braga (1952)
Mesquita Central de Lisboa (1985), Alçado Poente (2017)
© 9h Arquitecturas Associadas



É neste novo quadro que as atividades de artistas africanos, comunidades de imigrantes ou residentes com dupla nacionalidade se têm vindo a desenvolver nas áreas da música, da dança e das artes. Eles trouxeram consigo uma nova experiência de vida e formas artísticas inovadoras.



Gonçalo Mabunda
Memórias (2013)
Metal e madeira
© T COM ART

A utilização de armas e munições na obra de Gonçalo Mabunda, as fotografias de Kiluanji Kia Henda do Padrão dos Descobrimentos, ou os vídeos de Nastio Mosquito (*My African Mind, Power*), mostram o processo de questionamento da identidade no confronto entre a memória colonial e as realidades pós-coloniais. Por outro lado, os artistas portugueses que viveram nas ex-colónias ou que absorveram o impacto cultural das populações africanas têm vindo a utilizar essas experiências e as imagens do passado para refletir sobre o seu novo posicionamento no mundo. As obras de Ângela Ferreira e Vasco Araújo revelam o enraizamento de uma noção de cidadania que ultrapassa fronteiras e se abre ao cosmopolitismo, como espírito de troca e exploração de novas possibilidades de expressão.

Kiluanji Kia Henda
Padrão dos Descobrimentos (2006)
Inkjet print sobre papel de algodão, 188 x 120 cm



BIBLIOGRAFIA

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de, *O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul* (São Paulo: Companhia das Letras, 2000).
- BETHELL, Leslie, *The Abolition of the Brazilian Slave Trade* (Cambridge: Cambridge University Press, 1970).
- BETHENCOURT, Francisco, *Racismos. Das cruzadas ao século XX*, tradução de Luis Oliveira Santos (Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2015).
- BETHENCOURT, Francisco e Adrian Pearce (orgs.), *Racism and Ethnic Relations in the Portuguese-Speaking World* (London/Oxford: British Academy/Oxford University Press, 2012).
- BOXER, Charles R., *Relações raciais no império colonial português, 1415-1825*, tradução de Sebastião Brás (Porto: Afrontamento, 1977).
- CAPELA, José, *O imposto de palhota e a introdução do modo de produção capitalista nas colónias* (Porto: Afrontamento, 1977).
- CARREIRA, António, Cabo Verde. *Formação e extinção de uma sociedade escravocrata* (1460-1878) (Bissau: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, 1972).
- CARREIRA, António, *Angola: da escravatura ao trabalho livre* (Lisboa: Arcádia, 1977).
- CASTELO, Cláudia, *O modo português de estar no mundo. O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa* (1933-1961) (Porto: Afrontamento, 1998).
- DAVIS, David Brion, *Inhuman Bondage. The Rise and Fall of Slavery in the New World* (Oxford: Oxford University Press, 2006).
- DRESCHER, Seymour, *Abolition. A History of Slavery and Antislavery* (Cambridge: Cambridge University Press, 2009).
- EARLE, Thomas F. e Kate J. P. Lowe (orgs.), *Black Africans in Renaissance Europe* (Cambridge: Cambridge University Press, 2005).
- ELIAV-FELDON, Miriam, Benjamin Isaac e Joseph Ziegler (orgs.), *The Origins of Racism in the West* (Cambridge: Cambridge University Press, 2009).
- GODINHO, Vitorino Magalhães, *Os descobrimentos e a economia mundial*, vol. IV (Lisboa: Presença, 1983).
- GREEN, Toby, *The Rise of the Trans-Atlantic Slave Trade in Western Africa, 1300-1589* (Cambridge: Cambridge University Press, 2012).
- HAVIK, Philip, *Silences and Soundbytes. The Gendered Dynamics of Trade and Brokerage in the Pre-colonial Guinea Bissau Region* (Münster: Lit Verlag, 2004).
- HENRIQUES, Isabel Castro, *Os pilares da diferença. Relações Portugal-África, séculos XV-XX* (Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2004).
- HENRIQUES, Joana Gorjão, *Racismo em português: o lado esquecido do colonialismo* (Lisboa: Tinta da China, 2016).
- KLEIN, Herbert e Francisco Vidal Luna, *Slavery in Brazil* (Cambridge: Cambridge University Press, 2010).
- JERÓNIMO, Miguel Bandeira, *The «Civilising Mission» of Portuguese Colonialism, 1870-1930*, translated by Stewart Lloyd-Jones and revised by the author (Basingstoke: Palgrave, 2015).
- LAHON, Didier e Maria Cristina Neto (orgs.), *Os negros em Portugal, séculos XV a XIX* (Lisboa: CNCDP, 2000).
- MARQUES, João Pedro, *Os sons do silêncio: o Portugal de Oitocentos e a abolição do tráfico de escravos* (Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 1999).
- MATOS, Patrícia Ferraz de, *As cores do império. Representações raciais no império colonial português* (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006).
- MILLER, Joseph, *Way of Death. Merchant Capitalism and the Angolan Slave Trade, 1730-1830* (Madison: The Wisconsin University Press, 1988).
- MONTEIRO, John, *Negros da terra. Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995).
- NEWITT, Malyn, *A History of Mozambique* (Bloomington: Indiana University Press, 1995).
- PARRERA, Adriano, *Economia e sociedade em Angola na época da rainha Jinga, século XVII* (Lisboa: Estampa, 1997).
- PIMENTEL, Maria do Rosário, *Viagem ao fundo das consciências. A escravatura na época moderna* (Lisboa: Colibri, 1995).
- POGLIANO, Claudio, *L'ossessione della razza. Antropologia e genetica nel XX secolo* (Pisa: Scuola Normale Superiore, 2005).
- SAUNDERS, A. C. de C. M., *História social dos escravos e libertos negros em Portugal* (1441-1555) (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994).
- SCHWARCZ, Lília Moritz, *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930* (São Paulo: Companhia das Letras, 1993).
- SOUZA, Laura de Mello e, *Desclassificados do ouro. A pobreza mineira no século XVIII* (Rio de Janeiro: Graal, 1982).
- TINHORÃO, José Ramos, *Os negros em Portugal. Uma presença silenciosa* (Lisboa: Caminho, 1988).
- VENÂNCIO, José Carlos, *A economia de Luanda e hinterland no século XVIII* (Lisboa: Estampa, 1996).
- VIEIRA, Alberto, *Os escravos no arquipélago da Madeira: séculos XV-XVII* (Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 1991).

COORDENAÇÃO

Margarida Kol de Carvalho
Maria Cecília Cameira

AUTOR

Francisco Bethencourt – King's College London

REVISÃO EDITORIAL

Conceição Candeias
Rui Centeno

DESIGN GRÁFICO

Oland – Denominação de Origem Criativa

PRÉ-IMPRESSÃO, MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Ocyan

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Luís Pavão - LUPA
José Pessoa - DGPC/ADF
Fundo de Fotografia Alvão - Centro Português de Fotografia
Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian
Kiluanji Kia Henda
© T COM ART

© das obras reproduzidas: os artistas

© do texto e das fotografias: os autores

TIPO DE LETRA

Títulos: Futura Book
Corpo de texto e legendas: AauxPro Regular

IMPRESSO EM PAPEL

Capa: X-PER liso branco 250 gr.
Miolo: X-PER liso branco 140 gr.

1ª EDIÇÃO MAIO 2017

ISBN 978-989-8167-54-5

DEPÓSITO LEGAL

?????

TIRAGEM

500 exemplares

CML / PELOURO DE CULTURA VEREADORA DE CULTURA

Catarina Vaz Pinto
Direção Municipal de Cultura
Diretor Municipal de Cultura
Miguel Veiga

EGEAC EM

Conselho de Administração

Joana Gomes Cardoso
Lucinda Lopes

RACISMO E CIDADANIA

6 DE MAIO A 3 DE SETEMBRO DE 2017
PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS

UM PROGRAMA

Passado e Presente – Lisboa, Capital Ibero-Americana
de Cultura 2017

COORDENAÇÃO

Margarida Kol de Carvalho
Maria Cecília Cameira

COMISSÁRIO CIENTÍFICO

Francisco Bethencourt – King's College London

CONCEÇÃO PLÁSTICA E REALIZAÇÃO

António Viana

MEDIAÇÃO CIENTÍFICO-PEDAGÓGICA

António Camões Gouveia, FCSH da UNL / CHAM
Jorge Maroco Alberto, professor do Ensino Secundário
Raquel Pereira Henriques, FCSH da UNL / IHC
Serviço Educativo - Padrão dos Descobrimentos

CONSULTORIA

Acesso Cultura

CONSERVAÇÃO PREVENTIVA

Maria Helena Nunes - Mão de Papel

ASSISTENTE DE REALIZAÇÃO

Nuno Magalhães

DESIGN GRÁFICO DA EXPOSIÇÃO

Rita Cruz Neves

IMAGEM GRÁFICA - MATERIAIS GRÁFICOS

Oland - Denominação de Origem Criativa

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

Ricardo Mesquita

PROJETO AUDIOVISUAL

GMSC – Informática e Audiovisuais, Lda

SECRETARIADO EXECUTIVO

Conceição Romão
Rita Lonet

CONSTRUÇÃO

A.S. Pinheiro, Lda

VINIS E PAPEL DE PAREDE

Escarigo Factory - Centro de Produção Digital

PROJETO DE LUMINOTECNIA

Vitor Vajão

TRADUÇÃO

Kennis Translations

AGRADECIMENTOS

9H Arquitecturas Associadas Lda.
Ángela Ferreira
António Viana
Arquivo de Documentação Fotográfica
Arquivo Histórico Militar do Exército
Arquivo Municipal de Lisboa
Associação de Coleções – The Berardo Collection
Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian
Biblioteca Nacional de Portugal
Centro Português de Fotografia
Convento de Santa Clara – Porto
Direção Municipal de Urbanismo - CML
Fundação PLMJ
Idanha-a-Nova – Igreja Matriz
Jaime Marçal
João Manuel Loureiro
Kiluanji Kia Henda
Luís Pavão - LUPA
Museu da Cerâmica – Caldas da Rainha
Museu de Arte Sacra de Mértola
Museu de Artes Decorativas Portuguesas – FRESS
Museu de Lisboa – Palácio Pimenta
Museu José Malhoa – Caldas da Rainha
Museu Nacional de Arqueologia
Museu Nacional de Arte Antiga
Museu Nacional de Etnologia
Museu Nacional de Grão Vasco - Viseu
Museu Nacional de História Natural e da Ciência
(MUL/MUHNAC-ULisboa)
Museu Nacional de Machado de Castro - Coimbra
Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo - Évora
Nástio Mosquito
Vasco Araújo

PASSADO E PRESENTE

LISBOA, CAPITAL IBERO-AMERICANA DE CULTURA 2017

UMA INICIATIVA

UCCI e Câmara Municipal de Lisboa com EGEAC,
Direção Municipal de Cultura e Secretaria Geral

COORDENAÇÃO GERAL DA PROGRAMAÇÃO

António Pinto Ribeiro

